

Geopolítica Geral do Islã (Parte 2)

IRÃ: Se tem dito que “o islã não conquistou a Pérsia, mas a Pérsia é quem conquistou o Islã”, o quem significa que, depois da invasão árabe, os persas mantiveram sua unidade, incluindo os seus interesses geopolíticos. A contrapartida moderna deste fenômeno é o enfrentamento entre a República Islâmica do Irã - de religião xiita - e os petro-regimes do Golfo - de religião sunita e salafistas.

A Revolução Islâmica de 1979 perturbou todo o quadro geopolítico do Oriente Médio, transformando uma potência fortemente pró-Israel e pró-ocidental (o regime do Xá da Pérsia) no pior inimigo de Israel. O regime de Teerã converteu a República Islâmica em uma potência regional e em sócio chave da Rússia e, especialmente, da China, que depende das exportações energéticas de Teerã. O Irã tem grandes reservas de gás natural (a segunda do mundo) e de petróleo, e é sustentado economicamente pela China. Tem patrocinado a insurgência xiita no Iraque (Exército de Mahdi) e no Iêmen (houtis ou hutíes), e criado a partir do nada a organização libanesa Hezbollah, além disto, tem mantido grupos sunitas como o Hamas. Tudo isto desafia a hegemonia regional de Israel, incondicional aliado de Washington. O Irã também tem estreitado os laços formais com Síria, Líbano, Turquia, Armênia, Bielorrússia, Ucrânia e Turcomenistão, ameaçado constituir um sólido bloco regional (similar ao Império Selêucida ou as conquistas de Tamerlão) capaz de exercer pressão sobre os petro-regimes árabes apoiados pelos EUA e Israel, e contrariar o cerco de bases militares que as potências atlantistas têm construído em torno do Irã. Também, o presidente do Irã mantém cordiais relações diplomáticas com Brasil, Venezuela, Coreia do Norte e Zimbábue. A todo isto, adiciona-se o programa nuclear iraniano que causa preocupação em todo o mundo ocidental por alimentar a economia iraniana (permitindo destinar mais gás natural e petróleo para as exportações) e a possibilidade de que Teerã realize um programa militar paralelo para se autocapacitar em armas nucleares. O presidente iraniano Ahmadinejad tem sofrido numerosas sanções da comunidade internacional, além de lutar contra movimentos separatistas (azeris baluches, curdos) patrocinados pelos serviços secretos do bloco atlantista. As possibilidades de um ataque preventivo israelense ao programa nuclear do Irã e o desencadeamento de um conflito ainda maior no Oriente Médio são altas, mas a chave neste momento está no Líbano, em Gaza e na Cisjordânia: enquanto Hamas e Hezbollah não forem derrotados, atacar o Irã seria imprudente.



A situação geopolítica do Irã no Oriente Médio. É conhecido o protagonismo das minorias xiitas (importante papel dos xiitas libaneses e iraquianos) e o cerco de bases estadunidenses em torno do Irã. Caberia pontuar alguns assuntos, por exemplo, o bloco americano está em processo de perder a Turquia e o Paquistão, e o Iêmen abriga uma minoria xiita cuja presença causa instabilidade regional. Também caberia marcar pontos marítimos sensíveis, como a base naval russa de Sebastopol (Ucrânia), o “bloqueio duplo turco” (Bósforo e Dardanelos), a importante e pouco conhecida base naval russa de Tartús (Síria), o canal de Suez, Porto Sudão, Bab el Mandeb e o estreito de Ormuz. Mapa modificado do original inglês. Fonte: <http://temi.repubblica.it/limes-heartland>

Segundo Javier Solana (*Der Tagesspiegel*, 13 de janeiro de 2007) “o Irã é uma nação complexa e não parece que Israel tenha poder para desafiá-la”. Em fevereiro de 2010 o tenente general Daniel Halutz (chefe da Força Aérea de Israel) declarou que Israel sozinho não teria poder militar suficiente para neutralizar o Irã. O general americano David Petraeus (31 de janeiro de 2010) considera acertadamente que “o Irã é visto como uma seria ameaça por parte aqueles do outro lado do Golfo”.

A Guarda Revolucionária Iraniana, uma espécie de aristocracia estatal, está ativamente envolvida no tráfico de armas para a Nigéria, Iêmen, Somália, Eritreia, Líbano, Gaza, Sudão, Iraque, Afeganistão, Síria, Brasil e outros lugares. Também estão começando a exportar o modelo do Hezbollah a outros países (nominalmente Sudão e Nigéria).

IRAQUE: O Iraque é um dos quintais do Irã. Neste país confluem o persa, o árabe, o xiita e o sunita. Isto se manifestou em uma guerra incrivelmente selvagem, a Guerra Irã-Iraque de 1980-1988. Saddam Hussein era o único capaz de conter a influência xiita, que é

maioria no país. Quando ele caiu mediante a intervenção da Coalizão, o Irã viu uma oportunidade para expandir sua influência.

Apesar da ocupação americana do Iraque, um envio de 20 bilhões de dólares em armas americanas às forças iraquianas e a presença de um regime autônomo curdo ao norte do país, Ahmadinejad tem sido o primeiro presidente iraniano a visitar o país vizinho desde a revolução de 1979, e mantém uma embaixada em Bagdá, como o Iraque mantém uma embaixada em Teerã. O Irã considera o Iraque como sua legítima esfera de influência, especialmente após o anúncio da retirada gradual das tropas americanas no verão de 2010.

A figura pró-iraniana chave no Iraque é Muqtada Al Sader, líder da organização política e militar Exército de Mahdi. Esteve por 3 anos no Irã, estudando para ser Aiatolá e voltou para permanecer a frente da resistência xiita, pregando não a luta armada, mas sim esforços em fazer do Iraque uma país estável e forte, algo que casa bem com os interesses do Irã, e a saída total das tropas americanas. Os americanos, por sua vez, tentam alcançar o objetivo de um Iraque débil e instável, dividido de forma pseudo-federal em zonas xiita, sunita e curda.

Em 30 de novembro de 2010, foram detidos pelas autoridades iranianas 4 membros do PJAK, um grupo curdo baseado no norte do Iraque, financiado por Washington, e que planejava realizar atentados em solo iraniano. Atualmente existem equipes das forças especiais *Quds* do Irã operando no Iraque, especialmente em apoio aos grupos armados xiitas. Os ataques com bombas contra os peregrinos xiitas que vão à Karbala, buscam frustrar a penetração da influência do Irã.

PAQUISTÃO: O bloco atlantista poderia utilizar muito bem um conflito armado nesta área, e inclusive a criação de um Estado independente no Baluchistão, para fechar as saídas da China pelo Mar Arábico e frustrar suas linhas de comunicação (estradas, ferrovias e oleodutos) com Gwadar (antigo enclave de Omã, no atual Paquistão). A parte paquistanesa que faz fronteira com o Afeganistão (zonas tribais) está na prática fora do controle de Islamabad e é um ninho de madrassas talibãs (financiadas com dinheiro saudita, assim como outros centros fundamentalistas no Nepal e Bangladesh) e de insurgentes, que têm sido bombardeados mais de uma vez pela Coalizão, violando o espaço aéreo paquistanês com drones (aviões não-tripulados). Enquanto esta fronteira não estiver sob controle, o domínio do Afeganistão será impossível.

Um Baluchistão marionete dos EUA tem um atrativo adicional para as potências atlantistas de maior aproximação do Estreito de Ormuz e para “normalizar” definitivamente o comércio do ópio, grande parte do qual é usado atualmente pelos insurgentes para financiamento de suas operações. Por tudo isto, é muito provável que as instabilidades regionais do Sul e Leste do Afeganistão provoquem a expansão da guerra em direção ao interior do Paquistão, tornando-se uma ameaça seria para os interesses da China. A consequência prática é que a diplomacia ocidental tem perdido o Paquistão como aliada, e é de se esperar que tanto a influência da China quanto as posições extremistas islâmicas ganhem terreno. Grandes territórios do Paquistão se encontram em condições similares a dos Estados falidos, e o analista norte-americano P. Cohen considera que o Estado Paquistanês inteiro pode falir entre 2015 e 2017.



Nas zonas tribais do Paquistão a lei de Islamabad não se aplica e a presença talibã é enorme. A partir do território paquistanês, a insurgência afegã prepara numerosos ataques contra a Coalizão no Afeganistão e suas vias logísticas na fronteira. A região de Waziristão, com grupos secessionistas, se encontra no epicentro de todas estas instabilidades.



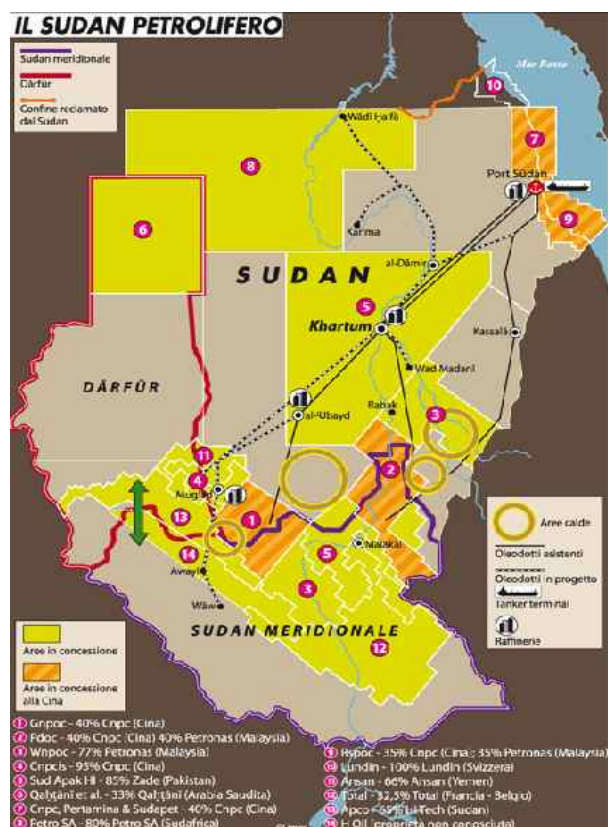
A situação geográfica do Baluchistão. Sua proximidade com o estreito de Ormuz (40% do tráfico de petróleo mundial), sua grande costa no Mar Árabe (por onde transitam enormes quantidades de petróleo), a possibilidade de controlar as instáveis zonas tribais paquistanesas que margeiam o Afeganistão e exercem pressão sobre o Irã. Território importante estrategicamente. Atualmente a China mantém dois enclaves estratégicos no Baluchistão: Gwadar e Pasni.

AFEGANISTÃO: O Afeganistão pode ser considerado o Estado-tampão mais importante da história. No passado, foi a encruzilhada de influências persa, chinesa, russa, turca e britânica. Posteriormente foi o centro de disputas entre EUA e URSS, em que o mesmo Zbigniew Brzezinski estimulava aos talibãs para enfrentar os soviéticos. Os atentados de 11 de setembro forneceram a *casus belli* necessária para que a OTAN ocupasse o maltratado país. As autoridades afegãs, presidida por Karzai, velam por seus próprios interesses e estão negociando tanto com russos, quanto com iranianos e chineses (interessados nas jazidas de lítio, as maiores do mundo). O lítio afegão é um mineral cobiçado pelas poderosas empresas automobilísticas, especialmente a japonesa Toyota,

a maior do mundo, que tem um vasto mercado em toda a Ásia. Ao contrário do caso iraquiano, os EUA parecem estar se “entrincheirando” no Afeganistão para uma ocupação longa e problemática, construindo novas bases e expandindo as existentes. O principal problema do Afeganistão é sua minúscula fronteira com a China - um corredor de transporte através do qual viajam trabalhadores, mineiros e empresários - e especialmente sua fronteira com os territórios tribais do Paquistão. A Ásia Central é um território demasiado atrativo para que o bloco atlantista o abandone, e é provável que no futuro sirva de base para operações amplas e profundas em território paquistanês.

A Espanha mantém uma importante presença na província de Heret (Base de Camp Arena) e Badghis (Base de Qala-e-Now), embora as tropas espanholas tenham operado em muitas outras províncias. No polígono em frente à base hispano-italiana, os serviços secretos chinês, russo e iraniano mantêm postos de escuta.

SUDÃO: Se trata de outro ponto de ruptura do Islã, onde o muçulmano dá lugar ao cristão (Etiópia) e o árabe dá lugar ao subsaariano. Mas o principal problema do Sudão é o petróleo, e um regime que não comunga com o eixo EUA-Israel. Todo o sul (Sudão do Sul) e leste (Darfur) do Sudão tem importantes jazidas de petróleo, pelo qual lutam as empresas de diversos países. A China depende bastante do petróleo que sai de Porto Sudão e atravessa o Mar Vermelho, investindo somas elevadas no Sudão para proteger seus interesses energéticos. Na arena internacional, não interessa ao poder geopolítico atlantista que as fronteiras do Sudão sejam estáveis, e que os chineses possam construir um corredor energético comunicando o Golfo da Guiné (importantíssimas concessões petrolíferas à China por parte da Nigéria e outros países), Angola e Congo com Porto Sudão, no Mar Vermelho.



Concessões petrolíferas e divisões territoriais no Sudão. Fonte: <http://temi.repubblica.it>

Em janeiro houve um referendo sobre a independência da região do Sudão do Sul (autônoma desde o final da segunda guerra civil sudanesa em 2005), que foi aprovado por esmagadora maioria. O Sudão do Sul produz 75% do petróleo sudanês e será um novo estado em julho de 2011, e Cartum perderá suas fronteiras com República Centro-Africana, Congo (muito importante) e Quênia. Washington tem pressionado para que se leve a cabo as eleições. A China aceitou e o presidente sudanês Omar al-Bashir também, em troca da comunidade internacional retirar o Sudão da lista de países que cooperam com o terrorismo (acusada de apoio às milícias árabes extremistas e com envolvimento no tráfico de armas iranianas para o Hamas em Gaza). Mesmo assim, é difícil que o conflito se detenha, já que o Sudão do Sul romperia a continuidade territorial entre Porto Sudão e o nordeste do Congo, rico em recursos. Ademais, existe um quadro étnico extremamente complexo.

O “GRANDE JOGO” - CÁUCASO, CÁSPIO E ÁSIA CENTRAL: Esta região é outra fronteira do Islã, neste caso com esferas de influência na Rússia e China. Aqui convergem também as influências da Turquia, Irã e, naturalmente, mundo atlantista, através da presença de Arábia Saudita e Israel. Em “*The Great Game*”, o correspondente americano do *National Journal* Paul Starobin, disse: “Nota aos professores: localizem o Cáspio no mapa e marquemo-lo para as crianças, pois em uns vinte anos, talvez em dez, é possível que se encontre modificado”. Por sua vez, o geoestrategista Zbigniew Brzezinski no livro “O Grande Tabuleiro” (1997) chama a Ásia Central de “Balcãs eurasiáticos” e estabelece a importância chave desta zona como eixo estratégico na Eurásia e fonte de importantes recursos. Brzezinski considera que a estratégia do EUA deve ser baseada em impedir que uma grande potência (nominalmente a Rússia, e em menor medida a China) chegue a dominar este espaço, além de manter a região aberta aos mercados e interesses financeiros globais.



Irã, Rússia, Turquia e China têm muitos interesses nos “Balcãs Eurasiáticos” porque os EUA necessitam organizar todo este espaço e ganhar Estados-tampões para evitar a formação de um bloco geopolítico compacto na Eurásia. A solução de numerosos conflitos aqui não é possível sem recorrer à intervenção da Rússia, que ademais é solicitada por alguns países implicados. O Islã é a religião dominante na Ásia Central, inclusive em Xinjiang.

O Cáspio é uma espécie de Golfo Pérsico do Norte: está repleto de recursos e é vital para a geoestratégia energética e o controle das rotas Oriente-Occidente (uma vez foi à seda, atualmente são os hidrocarbonetos). Quando a Cortina de Ferro caiu, Washington se esforçou em controlar numerosas ex-repúblicas soviéticas, um processo que agora está sendo lentamente revertido em favor da China e, especialmente, da Rússia, que está reconquistando sua antiga esfera de influência. Moscou espera que o petróleo do Cáspio seja uma alternativa ao conflituoso Golfo Pérsico, e busca estender sua influência por toda a zona para converter-se no “grifo energético” da União Europeia e da China.

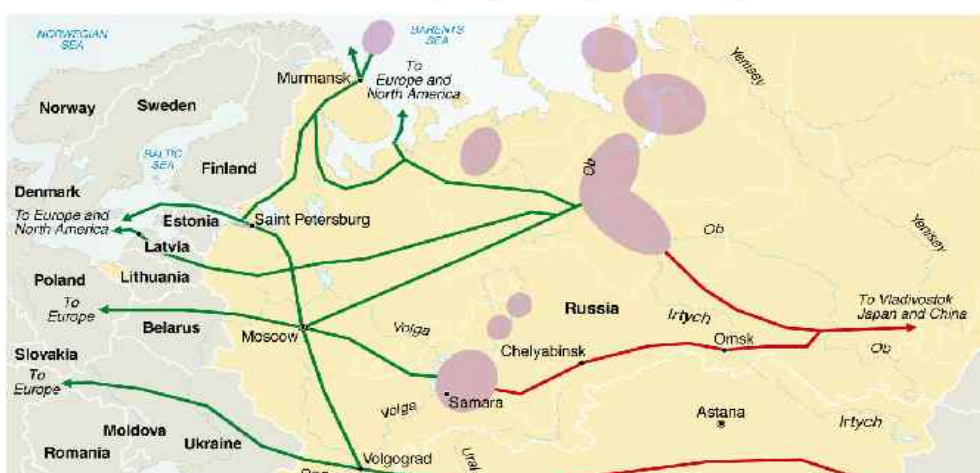


Riquezas de hidrocarbonetos do Cáspio e principais dutos energéticos. Os EUA jogam através da Geórgia e em menor medida com o Azerbaijão.

Cazaquistão, Turcomenistão e Azerbaijão têm tantas reservas de petróleo como o Kuwait. O Turcomenistão, em dezembro de 2009 inaugurou um gasoduto desde o Cáspio até a China, passando por Uzbequistão e Cazaquistão. Embora seja o único país dos mencionados que não pertence à OCX (Organização de Cooperação de Xangai), seu presidente fala abertamente em favor da China e se nega a exportar petróleo e gás aos países ocidentais. Contribui para relaxar as tensões com Teerã, insatisfeita porque suas águas territoriais do Cáspio são as menos ricas em hidrocarbonetos.

O Tadjiquistão enfrenta o extremismo islâmico interno e mantém péssimas relações com Tashkent (o Uzbequistão limitou o fluxo elétrico para o Tadjiquistão antes dos meses frios de inverno, enquanto que o Tadjiquistão ameaçou cortar o abastecimento de água que o Uzbequistão necessita desesperadamente para seus campos de algodão, durante o verão de 2011). O Quirquistão possui graves instabilidades sociopolíticas (caciques locais, máfias que negociam a heroína afegã, distúrbios no sul com os uzbeques, avalanches de refugiados, atividades de grupos islâmicos). Ademais abriga uma base estadunidense dotada de capacidade (e essencial para manter o esforço bélico da coalizão no Afeganistão), uma base russa e um projeto para uma segunda base russa.

The markets competing for Caspian oil and gas



“Os mercados que competem pelos recursos energéticos do Cáspio”. Este mapa dá uma ideia do papel crucial do Cáucaso e da Ásia Central. Se esta zona se estabilizasse, se esboçaria como alternativa muito real ao conflituoso petróleo árabe, controlado por EUA e Israel.

No Cáucaso existe um complexo quadro étnico e religioso, e uma Geórgia fortemente pró-americana não ajuda na estabilidade da região. O mesmo vale para o Azerbaijão, país muçulmano cujo Exército é armado e equipado por Israel para defender os interesses atlantista no Cáspio e para conter o Irã (a capital Baku é um importante centro petrolífero). Moscou considera também que o oleoduto BTC, que evita claramente passar pela Rússia e Armênia, transcorrendo por Azerbaijão, Geórgia e Turquia, está desenhado para minar a influência na região e prestigiar o papel de “grifo energético” para a Europa. O extremismo na Chechênia e no Daguestão (particularmente do ramo wahabita, financiado pela Arábia Saudita e com laços com a Al-Qaeda e CIA) é uma fonte de problemas para o Kremlin. Após a Guerra da Geórgia de 2008 (em que a Geórgia, estimulada por Washington, atacou o enclave da Ossétia do Sul), a Rússia tem ocupado os territórios georgianos da Ossétia do Sul e da Abkházia. Nagorno-Karabaj é ponto sensível deste balcanizado panorama regional. Como o são Daguestão, Inguchétia e especialmente Chechênia, três regiões muçulmanas hostis a Moscou.



O complexo panorama da Ciscaucásia e Transcaucásia. Inguchétia, Daguestão e especialmente Chechênia, deram muitos problemas a Moscou, que manteve uma longa guerra contra os movimentos separatistas armados. Quando a Geórgia atacou a Ossétia do Sul, em agosto de 2008, a Rússia bombardeou cidades georgianas e posteriormente ocupou as zonas pró-russas da Abkházia e da Ossétia do Sul. O território de Nagorno-Karabakh é enclave armênio, e portanto cristão-ortodoxo, no Azerbaijão, e poderá ser outra fonte de tensões no futuro (a Armênia é apoiada pelo Kremlin, que mantém uma base militar). A tudo isto se adiciona a presença do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan e de grupos islâmicos fundamentalistas financiados pelos EUA e Arábia Saudita.



Caricatura sobre a guerra da Geórgia de 2008. A Rússia aparece em conflito geopolítico contra a influência estadunidense e israelense, e contra as poderosas petroleiras privadas do Ocidente (como a *British Petroleum*). A Geórgia é representada como ponto de apoio israelense e fica evidente o protagonismo do oleoduto (interesses energéticos do Kremlin).

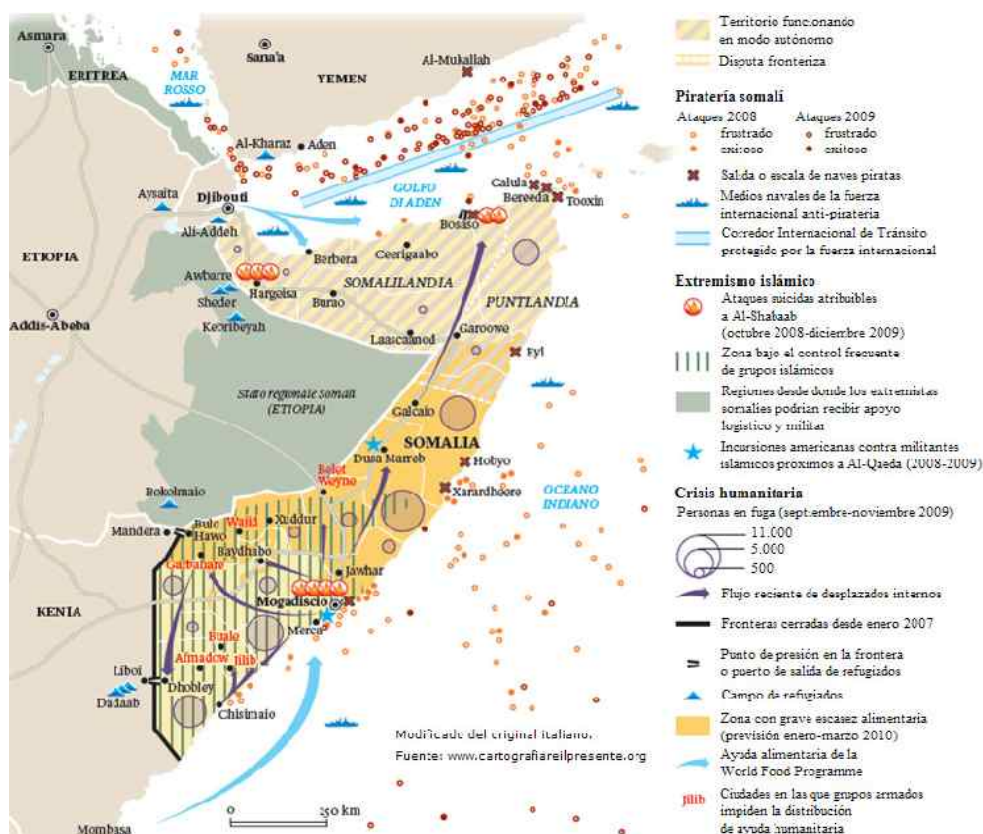
SOMÁLIA: O Chifre da África é uma zona chave, já que trata do controle da via de acesso do Mar Vermelho, e portanto, das rotas que vão do Mediterrâneo ao Oceano Índico. A intervenção dos EUA nos anos 90, uma segunda incursão das forças especiais estadunidense pouco depois do início da operação Liberdade Duradoura, e em 2006 outra intervenção da Etiópia (estimulada por Washington), impediram que Mogadiscio estabilizasse o país. Em janeiro de 2007 o Pentágono realizou ataques aéreos durante dois dias. Em 2009 as forças etíopes abandonaram a Somália deixando-a pior de que quando entraram, e no outono desse ano as forças especiais estadunidenses levaram a cabo mortíferos ataques de helicóptero no sul do país. Há aproximadamente 6000 soldados da Uganda e Burundi (Estados clientes do EUA) destinadas a Somália. O vizinho Djibuti (antiga Somália francesa) é Estado estratégico do Ocidente (controle do Estreito de Bab al Mandeb), e sede de bases americanas e da legião estrangeira francesa.



Na Somália, as regiões separatistas e os territórios pelo qual lutam. Cabe destacar o Ogaden, no chifre etíope, onde ocorrem graves enfrentamentos com as guerrilhas somalis que desafiam o governo de Adis Abeba.

Existem na Somália dois territórios separatistas, Somalilândia e Puntlândia, que ainda disputam uma região intermediária chamada “SSC” (Sool, Sanaag e Cayn). A Somalilândia é apoiada pelo governo etíope (já que é sua única possibilidade de ter acesso ao Mar Vermelho) e por Israel, e busca converter-se em um novo Estado por se tratar da região mais estável da Somália. O único motivo pelo qual a Somalilândia não é reconhecida como Estado independente é porque o Egito nega esse reconhecimento, uma vez que ela é chave para uma saída marítima da Etiópia, ao qual o Egito considera uma ameaça potencial devido a seu controle sobre as fontes do Nilo Azul. A Puntlândia é sede da pirataria na região e busca um status apenas de autonomia dentro de uma Somália federal. A Puntlândia tem tentado vender seus direitos de exploração mineral em seu território e na SSC para invasores estrangeiros. Os enfrentamentos armados entre ambas as regiões são frequentes. As diversas milícias islâmicas fundamentalistas são financiadas pelo Irã e Líbia.

As águas territoriais somalis têm sido cenário de numerosos atos de pirataria e sequestro, especialmente na zona do Golfo de Áden, o qual desestabiliza uma das rotas navais mais importantes do mundo e força a intervenção de potências estrangeiras (incluindo Rússia e Irã). Atualmente, o conflito da Somália também liga-se às instabilidades no Sudão do Sul, Darfur, Etiópia e Iêmen, já que a maior parte do petróleo do Sudão atravessa o Mar Vermelho para o Índico, e portanto, passa por águas territoriais somalis. Por essa situação de conflito entre as várias facções armadas e por falta de um governo com legitimidade, a Somália é considerada um Estado falido.



A situação da Somália. Caos, pirataria, fome, pobreza, fundamentalismo islâmico, intervenção armada americana e regiões separatistas como Somalilândia e Puntlândia. Entre estas se produz lutas tribais pelas regiões disputadas de Sool, Sanaag e Cayn.

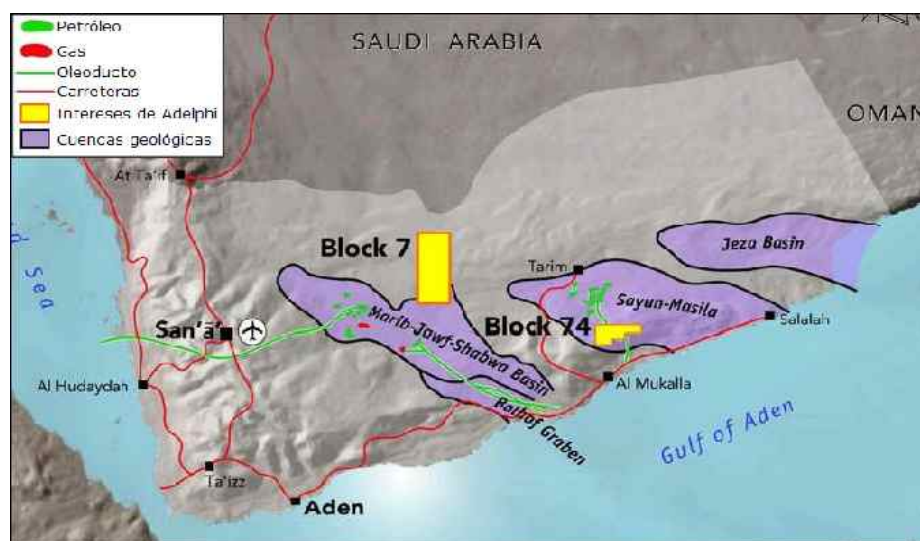
IÊMEN: O Iêmen é quintal da Arábia Saudita e um de seus principais problemas. Durante a Guerra Fria, o Iêmen estava dividido em duas partes, uma delas (o sul) sob influência soviética. Após a unificação em 1990, os iemenitas do sul acusaram o governo de Sana de discriminar e explorar seus recursos de maneira pouco equitativa, despertando uma insurgência separatista armada, o Movimento do Iêmen do Sul. Em 1994, houve uma guerra civil em que os separatistas foram derrotados pelo governo. Em abril de 2009, o jihadista Tariq al-Fadhi rompeu sua aliança com o presidente Ali Abdulá Saleh (ditador de fato desde 1978, apoiado pelos EUA) e se aliou aos separatistas sulistas, fortalecendo-os. A esse panorama se adiciona, desde 2004, a presença da *Al-Houthi Zaydi*, um grupo armado xiita da província de Saada, enfrentando ao norte o governo saudita e ao sul o governo do Iêmen. Os houthistas (ou huties) são apoiados pelo Irã e pela milícia xiita iraquiana *Jaaish Mahdi* (Exército de Mahdi). A monarquia do Iêmen, embora ameaçada de norte a Sul, é apoiada pela Arábia Saudita, sustentada por sua vez por EUA e Israel.



A província de Saada, uma zona tribal de religião xiita, corre o risco de converter-se em um cenário de verdadeira guerra civil iemenita, com intervenção do Irã, Arábia Saudita e EUA. Os deslocados internos chegam a 175.000 e amontoam-se em acampamentos, acometidos pela fome, sede e enfermidades infecciosas. O passo estratégico de Bab el Mandeb (“porta das lágrimas”) preside o caótico panorama, comunicando o Mar Vermelho ao Golfo do Áden, atormentado pelos piratas somalis e que encontram refúgio em áreas do Iêmen do Sul. Bab el Mandeb é chave para que o petróleo do Golfo cruze o Canal de Suez. O Departamento de Energia em Washington estima que no estreito circulam 3,3 milhões de barris de petróleo por dia. Atualmente, o governo de Sana, dirigido por Saleh, controla apenas uma pequena área do país, e enfrenta graves revoltas sociais. Mapa modificado do original em inglês. Fonte: <http://geocurrentevents.blogspot.com/>

A Arábia Saudita está muito preocupada com o programa nuclear iraniano e a retirada progressiva das tropas americanas do Iraque. Já que a influência do xiismo no Iraque é muito forte, e um governo iraquiano xiita equivale a um governo pro Irã. O mesmo vale para o Iêmen. Contudo, em outubro de 2010 Washington tem apoiado resolutamente o governo de Riad (não é à toa que a Arábia Saudita é uma de suas principais fontes de petróleo), anunciando o envio de armas ao petro-regime de Riad no valor de 63 bilhões de dólares (o maior da história do EUA).

O petróleo representa 75% da economia iemenita, e o Banco Mundial projeta que as reservas atuais do Iêmen estarão drenadas em 10 anos. A água também é um bem extremamente escasso no Iêmen. A costa iemenita está em grande parte sem vigilância, e muitos iemenitas tem oferecido apoio logístico aos piratas somalis (a classe política do Iêmen tem vínculos com líderes da Somália e Puntlândia, os mesmos que se opõem a Somalilândia) e as frágeis fronteiras do país são ideais para a entrada de refugiados e imigrantes ilegais, assim como para o tráfico de armas e produtos roubados. O Iêmen tem se convertido também em centro de encontro e treinamento para jihadistas internacionais, especialmente a corrente salafista patrocinada pela Arábia Saudita e supostamente relacionada com a Al-Qaeda. Deve ser levado em conta o problema do *khat* uma droga cultivada no Iêmen e exportada a outros lugares; 70% das casas iemenitas tem ao menos um membro que faz uso do *khat*.



Os recursos do lêmén. Nota-se que a maioria desses recursos se encontra onde antes de 1990 era o lêmén do Sul. A *Adelphi Energy Ltda* é uma empresa australiana que mantém explorações petrolíferas no lêmén. O bloco 7 foi vendido à MEPME, umas das maiores corporações do Japão. A petroleira francesa Total tem também seus projetos no lêmén (e no Irã). Algumas grandes companhias petroleiras consideram que as bacias de Masila e Shabwa podem conter “descobrimientos de classe mundial”, dessa forma, a importância geopolítica do lêmén aumentaria exponencialmente. Mapa modificado do original em inglês. Fonte: <http://zhu-de.blogspot.com/>

Por todos esses motivos, o lêmén é um Estado falido, e são altas as possibilidades de que os EUA se envolvam para ajudar ao presidente Saleh¹, garantir a passagem segura por Bab el Mandeb, neutralizar os ninhos de fundamentalismo islâmico, proteger o seu petro-aliado saudita, pacificar todo o Mar Vermelho (e boa parte do Índico), frear a expansão da influência iraniana pela região e dominar as potenciais reservas de petróleo não exploradas do lêmén, que podem ser imensas. A assistência militar de Obama ao regime de Saleh é formal: o Pentágono tem levado a cabo ataques aéreos no lêmén (como em 27 de dezembro de 2009), e atualmente há centenas de militares americanos das forças especiais destinados ao convulsionado país, e ainda estão construindo bases militares. A militarização da área daria ao EUA a oportunidade de controlar o fluxo energético que transita por Bab el Mandeb para a Europa (desde o Golfo Pérsico ao Canal de Suez) e China (desde Porto Sudão). Em 18 de março, o regime de Saleh assassinou 52 manifestantes. Vários altos escalões do Exército e dezenas de oficiais passaram para o bando insurrecto, apoiado pelo Irã.

A importância estratégica de Omã (membro do Conselho de Cooperação do Golfo e às portas do Estreito de Ormuz, em frente ao Irã, com vasta costa no Índico e certa influência no antigo enclave omani de Gwadar) tampouco dever ser subestimada.

OUTROS: Indonésia, Filipinas, Saara Ocidental e a União Europeia.

1 N.T.: Em 2011 o presidente Saleh se afasta depois de 32 anos no poder, resultado de uma onda de protestos associada a Primavera Árabe. Mas seus aliados continuam no poder.

3 O FUTURO DO ISLÃ

A atual onda de rebeliões (Tunísia, Egito, Argélia, Líbia, Síria, Iêmen, Irã, Bahrein, etc.) prenuncia uma nova ordem no Oriente Médio, em geral, e no mundo árabe, em particular. Uma das primeiras medidas de Túnis quando triunfou a rebelião foi decretar a obrigatoriedade do véu para as mulheres, quando antes não era. No Egito após o trunfo da rebelião e queda do regime, o novo governo deixou passar pelo Canal de Suez uma flotilha iraniana. Síria e Líbia, os dois países árabes mais avançados no tocante aos direitos das mulheres, correm o risco de sofrerem um retrocesso brutal na visão do Ocidente, enquanto que a ultra fundamentalista Arábia Saudita desfruta da nossa cumplicidade. O mundo árabe levou anos, décadas, sendo um barril de pólvora a beira da explosão social. Esta explosão agora está em gestação, e não demorará muito tempo para que isso ocorra. Em alguns lugares (como Túnis), as revoltas foram patrocinadas ao que parece por grupos estrangeiros como CIA, MI6 e algumas ONGs tipo *National Endowment for Democracy*, *Freedom House*, *USAID* e similares, que também estiveram na base das ‘revoluções coloridas’ nas ex-repúblicas soviéticas da Ucrânia e Geórgia, etc. Contudo, no Bahrein e Iêmen, as rebeliões parecem ter sido instigadas pelo Irã. Os principais prejudicados por essa onda de instabilidade somos nós europeus, além dos próprios árabes. Se a Arábia Saudita sofrer uma revolução similar (e motivos não faltam ao povo árabe), a economia mundial, especialmente a americana, pode sofrer um duríssimo revés, e o preço do petróleo alcançará níveis proibitivos, encarecendo, por sua vez, tudo o que é transportado (que num mundo globalizado inclui água, comida, medicamentos, etc.).

Em 1974, Houari Boumediene, presidente da Argélia, disse ante às Nações Unidas que “milhões de homens deixaram o hemisfério sul deste planeta em direção ao norte. Mas não como amigos. Porque foram para conquistar, e o conquistaram povoando com seus filhos. A vitória nos chega através do ventre de nossas mulheres”. Kadafi repetiu (11 de abril de 2006) que “Há sinais de que Alá concederá a vitória ao Islã na Europa sem espadas, sem armas, sem conquista. Não necessitamos de terroristas, não necessitamos de atentados suicidas. Os mais de 50 milhões de muçulmanos a converterão em um continente muçulmano em algumas décadas”.

A demografia não mente. Todos os aspectos sociais, econômicos, culturais, etc., de uma civilização, e que tanto orgulho (e soberba) podem se fazer sentir aos seus descendentes, dependem de seres humanos, e os seres humanos são criação das mães; nem mais nem menos. Essa é a base de qualquer civilização justa ou injusta, desenvolvida ou atrasada. Atualmente, graças à política migratória e social dos países europeus (para não mencionar as péssimas condições de saúde que cada vez mais sabotam a aptidão reprodutiva europeia), o monopólio da natalidade na Europa tem no Islã o diferencial. Nossa Europa é um continente banal, materialista, pacifista, e covarde, fortemente decadente no social, no político e no militar (apesar disso era a primeira economia mundial, e se especula sobre o que poderia ser do nosso continente se estivesse realmente organizado e unido), castrado de sua bravura, incapaz de defender seus interesses e que perdeu seu espírito de aventura, de risco, de exploração, de perigo e de luta – espírito que caracterizou nossos antepassados. Ademais, a Europa carece de uma totalidade moral e de valores de coesão social capazes de fazê-la levantar-se contra a força arrebatadora e intransigente do Islã. Este caminho oferece à juventude uma série de privilégios, poderes, sentimentos e direitos, que a modernidade ocidental está longe de poder igualar. O mais provável é que quando os homens da nossa juventude verem no que consiste ser um homem muçulmano, não ofereçam resistência alguma a conversão.

Se, ao longo da história, os Bálcãs tem sido a ante sala do futuro europeu (por exemplo, durante o neolítico) caberia perguntarmos se o que nos espera agora é o fim de nossa “doce vida”, a elevação dos nossos instintos adormecidos e a balcanização do nosso continente sob a batuta da testosterona estrangeira que temos importado para alimentar os interesses de empresários sem escrúpulos que estão enganando o mercado de trabalho, a classe média e os direitos dos trabalhadores. É de conhecimento público que a mão de obra imigrante (a mão de obra dos mercados de trabalho mais beneficiados pela deslocalização empresarial e pelo liberalismo selvagem, especialmente da Ásia Oriental) está disposta a trabalhar em condições que os nativos, acostumados com as conquistas das lutas dos trabalhadores no passado, consideram miseráveis e indignas. Mas para a maquinaria da globalização (que não é a dos Estados), esta injeção de mão de obra quase escrava é suspeitosamente proveitosa. É um claro exemplo que os interesses da atual elite econômica e política estão em gravíssima contradição com os interesses do povo trabalhador.

Outro problema da imigração islâmica é que alimenta a islamofobia, em prol dos interesses israelenses. Este tipo de argumento de “bode expiatório” e que está começando a ser explorado pela direita e extrema-direita, tende a amarrar a Europa ao eixo EUA-Israel, e aos mesmos interesses que estão proporcionando esta imigração.

França, Suécia, Bélgica, Holanda e Reino Unido são Estados em que tem proliferado diversas zonas de *non droit*, onde a lei estatal não se aplica, onde a Sharia manda e onde a polícia não entra senão quando armada até os dentes. Estes enclaves, verdadeiros ninhos de hostilidade bem armados, são os percursos de graves desequilíbrios territoriais e graves enfrentamentos étnicos de rua, que podem implodir nosso continente antes do que pensamos.

Das regiões espanholas, a Catalunha é de longe a mais vulnerável à islamização, seguida de Andaluzia. Estrategicamente, Ceuta, Melilla e Canárias são vulneráveis ao imperialismo marroquino, para o qual despertar um sentimento nacionalista e antiespanhol é uma boa maneira de apaciar o ódio que o povo tem da monarquia alauita.

4 O PAPEL DA ESPANHA NO GRANDE TABULEIRO

A Espanha é um país com uma situação estratégica privilegiada, se projeta no estreito de Gibraltar, a porta de entrada da Europa Ocidental, e possui Ceuta, Melilla e as Ilhas Canárias. Ademais, contamos com uma vasta esfera de influência: o mundo de língua espanhola que cada vez mais interage com o Brasil (graças ao bilinguismo que se pretende impor às classes educadas deste país, e aos projetos petrolíferos da REPSOL) e com os Estados Unidos (graças a imigração mexicana, os diversos FTAs ou Tratados de Livre Comércio, e a importância que tem o Panamá e a Colômbia para esse país). A pseudo transição cubana, por exemplo, não está sendo aproveitada como deveria (“quem for dono da ilha de Cuba tem a chave do novo mundo”, dizia Felipe II em 1562); e quem está tirando partido dela é o Vaticano. Para isto, é preciso acrescentar a vocação marítima espanhola, tanto militar (uma das frotas mais importantes do mundo e uma tecnologia aeronáutica de envergadura, como evidencia o exemplo das fragatas F-100) como civil (tradição pesqueira cada vez mais ameaçada pelas reivindicações marroquinas e em menor medida inglesas, por não dizer também somalis), um Exército com tradição sólida e alguns centros muito bem preparados, aos que por desgraça não se concede liberdade

para inovar ou romper modelos. Ademais o povo espanhol está apto para a disciplina militar, sob o controle adequado.²

Em resumo, a Espanha tem um potencial geopolítico interessante, que não está sendo explorando como se deve, e não por falta de gente qualificada e com boas ideias, mas pela inércia e miopia de nossos governantes, submissos à Washington e sua tendência a fazer política contraproducente, ambígua, eleitoreira, que dá margem à demagogia e esquecendo das “grandes” políticas de longo prazo (quer dizer, mais de 4 anos). Se o Estado espanhol fosse um organismo verdadeiramente soberano e dirigido por cabeças bem organizadas, estaria apoiando e promovendo no Marrocos as tentativas de derrubar a monarquia alauita armando, treinando e financiando os grupos saarauis e bérberes, negociando com as autoridades tribais bérberes, tomando o Monte Gururu para aumentar o perímetro de defesa de Melila, militarizando as ilhas Canárias, explorando as jazidas de petróleo e áreas costeiras próximas, selecionando especialistas em Islã no Magreb para formar *think-tanks*, criando centros de estudo relacionados com o mundo árabe para formar uma nova geração de diplomatas, empresários, espões e especialmente uma nova classe política e estadista que substitua a atual, negociando e pressionando na questão de Gibraltar, remodelando e redistribuindo o Exército, etc.

A Espanha pode seguir o exemplo da França: um Estado soberano e importante no campo energético, militar e agrário, capaz de manter um império geopolítico e defender seus interesses (as vezes, enfrentando claramente os EUA), e que agora é um pilar fundamental da União Europeia. Carrero Blanco teve algumas atuações fundamentais antiamericanas como negar-se a permitir a utilização de bases durante a Guerra do Yom Kippur, reconhecer o Estado de Israel e ordenar o desenvolvimento da bomba. Mas depois do desmantelamento de nossos projetos nucleares (incluindo a bomba) e a privatização selvagem na época de Aznar, o projeto de soberania espanhola não podia ser levado a cabo para além dos limites de uma emancipação geral europeia em relação à influência atlantista, emancipação que somente será efetivada quando os últimos soldados americanos e britânicos abandonarem o solo alemão, quando Morón e Rota serem convertidas em bases espanholas e o legado da Guerra Fria tiver sido abolido.

Essa mudança, lenta mas segura, do eixo de atenção dos EUA do Atlântico para o Pacífico, prenuncia a desamericanização da Europa e uma progressiva aproximação da Rússia. Neste novo quadro geopolítico, a Espanha adquirirá maior importância como praça segura ante o Marrocos (um leal aliado dos EUA desde 1776, quando o Sultão foi o primeiro soberano do mundo a reconhecer a declaração de independência americana) e janela de projeção da influência europeia para as Américas. Gozamos também de boas relações com a Turquia, que por sua vez pode ser a chave para a aproximação com a Rússia, uma vez que após o ataque a flotilha de Gaza em maio de 2010, Ancara afastou-se de Washington, inclinando-se para Moscou, e desejando ser um “cavalo de Troia” dos EUA na Europa (de fato, a Turquia parece ter renunciado a seus sonhos europeus, agora seus sonhos consistem em dar-se bem com seus vizinhos do Oriente Médio e do Cáucaso, esta também chamada de Cáucaso do Norte). O mesmo vale para nossa dependência de gás argelino: a Argélia hoje define-se como aliada dos EUA e é intratável estrategicamente para a Espanha. Os interesses que tem a França no Marrocos podem também ser um obstáculo para uma estratégia europeia. A fachada atlântica do Magreb é o início de uma continuidade territorial islâmica que vai desde o Saara Ocidental até o Turcomenistão chinês, e é o único ponto viável de penetração da influência americana. Nesta costa, a Espanha tem um importante papel a cumprir para os interesses europeus.

2 N.T.: Quando o autor escreve, a REPSOL ainda não havia sido desapropriada de ativos na Argentina.



Os caminhos de uma política exterior espanhola coerente: união com a Europa, contenção no Magreb (o que incluiria colaborar com as minorias bérbere e saarai), cooperação com o mundo ibero-americano e penetração na própria América do Norte, utilizando como vínculo a língua espanhola.

Não se deve perder de vista que o mundo atlantista sempre verá a Europa como competidora, que será sistematicamente contrária a qualquer concentração de poder ou continuidade territorial em seu continente (tal como ocorreu na Espanha de Carlos V, na França napoleônica, na Alemanha e na URSS-Rússia), e por trás dos sorrisos diplomáticos, a guerra fria entre o euro e o dólar é mais intensa que nunca. Em uma década de euro, o dólar tem se desvalorizado de uma forma rápida, e agora parece que nem com as guerras tem alcançado a mesma hegemonia. O principal interesse dos Estados Unidos, como potência oceânica é “dividir para governar”: balcanizar e organizar (seduzir/ocupar um país e não a outro, onde a sequência Israel-Iraque-Afganistão-Coreia do Sul é sintomática) o vasto território continental (e marítimo) que há entre a Europa e a China, para romper a continuidade territorial natural, para que as rotas comerciais não sejam seguras, para que jamais se constituam eixos comerciais, para que o comércio europeu se direcione para o Atlântico e o chinês para o Pacífico. Neste quadro, a Ásia Central seria chave para sabotar a geoestratégia americana e defender os interesses europeus. Dai a importância do Afeganistão.

Em Rif, a Espanha tem assuntos pendentes. Abdelkrim, o líder da rebelião rifeña, havia sido um ávido colaborador das autoridades espanholas, até que a incompetência e ignorância destas, junto aos inauditos excessos de oficiais indisciplinados e prepotentes, o fez rebelar-se contra o Protetorado. Os soldados espanhóis e rifeños mortos pagaram com sangue o erro da classe política de então. Tratar com as tribos bérberes, ganhar novos Abdelkrimes que não se revoltam e levem a cabo uma diplomacia inteligente, deveria ser o objetivo de uma política exterior espanhola séria, já que não se pode abandonar uma terra sobre a qual se derramou tanto sangue espanhol e que é tão vital

para os interesses espanhóis. “Bajarse al moro” é necessário, mas desta vez com a cabeça.³

5 BIBLIOGRAFIA E FONTES DOS MAPAS

"Atlas Geopolítico 2010" (Le Monde Diplomatique).

"El gran tablero" (Zbigniew Brzezinsky).

"Annual, el desastre de España en Marruecos" (Manuel Leguineche).

<http://temi.repubblica.it/>

<http://temi.repubblica.it/limes-heartland/>

<http://artishok.co.il/>

<http://www.stratfor.com/>

<http://geocurrentevents.blogspot.com/>

<http://zhu-de.blogspot.com/>

Recebido em Janeiro de 2013.

Publicado em Janeiro de 2013.

3 N.T.: Expressão coloquial utilizada na Espanha para referir-se a cruzar a fronteira do Marrocos com a intenção de comerciar hachís.